

## HOMO SAPIENS

Não há dúvida que o "Homo Sapiens" é a espécie mais poderosa do planeta. Nós, humanos, estamos convictos que somos os mais inteligentes e mais éticos dentre as espécies animais.

A visão religiosa tradicional é a de que nós temos um "status" moral superior porque somos dotados de almas eternas que sobreviveriam à morte do corpo e herdariam o paraíso ou inferno de acordo com o exercício do bem ou do mal. Experimentos laboratoriais refinados jamais detectaram qualquer indício da existência da alma humana, do mesmo modo que os cães e gatos, desde sempre historicamente destituídos desta substância imaterial. O que mais se aproxima da concepção de alma é a mente humana, produto do processamento de cerca de 100 bilhões de neurônios que compõem os nossos cérebros. A evolução biológica aprimorou o cérebro da nossa espécie produzindo uma mente refinada, provendo-a da consciência, dos afetos e da inteligência. Estes atributos mentais permitem a capacidade única dos "Sapiens" de cooperarem entre si de modos tão flexíveis que explicam nosso domínio sobre a Terra. E a inteligência? No passado a maioria das coisas somente podiam ser feitas por nós. Hoje em dia computadores e robôs assumem muitos desses papéis e brevemente superarão os homens na maioria das atividades. Entretanto, já estamos em 2018 e os computadores ainda não adquiriram consciência, mas memória e inteligência prodigiosas. Mas a consciência é mesmo indispensável?

Nos últimos anos, máquinas superinteligentes já vêm realizando tarefas complexas sem necessidade da consciência. Tais tarefas baseiam-se em padrões de reconhecimento e algoritmos de decisão! Automóveis autônomos já prescindem de motoristas e cumprem seu mister com exatidão, com base em algoritmos de computador voltados para as regras do trânsito.

A medicina não ficará indene a este desenvolvimento num futuro não muito distante. De posse das informações da história clínica dos pacientes e portando algoritmos de decisão, computadores farão diagnósticos médicos inequívocos e tomarão decisões terapêuticas mais eficazes. Isto é apenas um começo. A superinteligência não substituirá o trabalho médico. Procedimentos que exigem alto nível de criatividade continuarão em mãos humanas num futuro previsível, mas não haverá mais os milhares de médicos que se graduam

semestralmente nas faculdades e exercem sua profissão em regime de precarização e o ônus social das doenças não será tão gigantesco quanto é hoje.

Antônio de Souza Andrade Filho e Wiliam Azevedo Dunningham

Editores